



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS- INGLÊS**

ALIANDRA AUGUSTO DA SILVA

**A AMIZADE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA VITORIANA EM *CRANFORD*, DE ELIZABETH
GASKELL**

**GUARABIRA
2025**

ALIANDRA AUGUSTO DA SILVA

**A AMIZADE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA VITORIANA EM *CRANFORD*, DE ELIZABETH
GASKELL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso
Letras-Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Letras-Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa

Orientador: Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto

**GUARABIRA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Aliandra Augusto da.

A amizade como espaço de resistência [manuscrito] : a construção da identidade feminina vitoriana em "Cranford", de Elizabeth Gaskell / Aliandra Augusto da Silva. - 2025.

22 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, Departamento de Letras - CH".

1. Era vitoriana. 2. Identidade feminina. 3. Amizade. 4.

Independência. 5. Tradição e inovação. I. Título

21. ed. CDD 809.4

ALIANDRA AUGUSTO DA SILVA

A AMIZADE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE FEMININA VITORIANA EM CRANFORD, DE ELIZABETH
GASKELL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 04/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Aline Oliveira do Nascimento** (**.347.454-**), em **30/06/2025 16:19:17** com chave **1dd00b5a55e711f08b1e06adb0a3afce**.
- **Mariane dos Santos Monteiro Duarte** (**.302.484-**), em **03/07/2025 19:08:52** com chave **4de54cae585a11f0bd121a7cc27eb1f9**.
- **Waldir Kennedy Nunes Calixto** (**.142.724-**), em **30/06/2025 16:06:42** com chave **5b9272ea55e511f0a35806adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do
QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/
e informe os dados a seguir. **Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto
Final

Data da Emissão: 04/07/2025

Código de Autenticação: fe2129



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	A MULHER NA ERA VITORIANA.....	6
3	A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE	9
4	SOBRE A OBRA.....	11
5	Tradição em transição: os desafios da modernidade vitoriana.....	11
5.1	Mrs. jenkyns x mary smith: contrastes de personalidade e visões na era vitoriana.....	12
5.2.	Construindo a si mesma: identidade e independência na experiência vitoriana.....	14
5.3.	Laços de resistência: amizade e lutas na Era Vitoriana.....	17
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS.....	19

A AMIZADE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA VITORIANA EM *CRANFORD*, DE ELIZABETH GASKELL

Aliandra Augusto da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a identidade feminina na literatura vitoriana, com foco na obra *Cranford*, de Elizabeth Gaskell. O principal intuito é demonstrar como a tradição e a inovação, pelo fato das inovações que surgiram na vila estava entrando em conflito com as normas e tradições, juntamente com a importância da amizade entre as mulheres na comunidade descrita na obra, facilitam a adaptação às mudanças da época. Para isso, o estudo adota uma abordagem qualitativa e exploratória, de natureza básica, e utiliza procedimentos bibliográficos para sua construção. A análise baseia-se em importantes estudos literários que abordam temas como a independência feminina, suas lutas e a condição da mulher na sociedade. Lopes (1986) contribui com uma visão sobre a representação da mulher na Era Vitoriana, enquanto Verona (2023) discute a escrita feminina como uma rede de apoio, destacando o papel da amizade. Nesse mesmo contexto, Rosenberg (1975) analisa a verdadeira amizade entre mulheres na sociedade vitoriana, e Monteiro (1996) investiga a construção simbólica da figura feminina. Para o entendimento das questões sociais, recorre-se a Candido (2006), e, no campo da literatura inglesa, destaca-se Burgess (2002), que trata da relação entre literatura e sociedade na Inglaterra. Este estudo tem o intuito de contribuir para uma reflexão sobre as questões e normas da época; e como a literatura reflete as mudanças sociais, contribuindo também para discussões contemporâneas para formação de identidades. Portanto o interesse por esse trabalho se deu para tentar compreender o comportamento da mulher na Era Vitoriana, contribuindo para os estudos literários da língua inglesa.

Palavras-chave: Era vitoriana. Identidade feminina. Amizade. Independência. Tradição e inovação.

ABSTRACT

This paper aims to analyze female identity in Victorian literature, focusing on Elizabeth Gaskell's work *Cranford*. The main purpose is to demonstrate how tradition and innovation, together with the importance of friendship among women in the community described in the work, facilitate adaptation to the changes of the time. To this end, the study adopts a qualitative and exploratory approach, of a basic nature, and uses bibliographic procedures for its construction. The analysis is based on literary studies, such as Woof (2014) and Beauvoir (2009), who address themes such as independence, struggles, and the status of women in society. Lopes (1986) contributes to the representation of women in the Victorian Era; Verona's contribution (2023) is the writing of women as a support network and the importance of friendship; Rosenberg (1975) on true female friendship in the Victorian era Monteiro (1996)

¹ Graduanda do Curso de Letras-Ingês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: aliandra.silva@aluno.uepb.edu.br

addresses the female figure in its construction in a symbolic way. Finally, we have Candido (2006) to understand social issues, and in English literature Burgess (2002), highlighting literature and the understanding of English society. This study aims to contribute to a reflection on the issues and norms of the time, and how literature reflects social changes, also contributing to contemporary discussions on the formation of identities era, while Verona (2023) discusses women's writing as a support network, highlighting the role of friendship.

Keywords: Victorian era. Female identity. Friendship. Independence. Tradition and innovation.

1 INTRODUÇÃO

Cranford, publicado em 1851 por Elizabeth Gaskell, é um romance que apresenta uma vila fictícia, em que sua maior população é formada por mulheres, sendo viúvas e solteiras, oferecendo uma visão do cotidiano da Inglaterra Vitoriana; a obra mostra uma crítica na formação da identidade feminina. Gaskell foi uma escritora do século XIX conhecida por suas obras que exploram temas como a sociedade patriarcal que moldam e refletem os desafios encontrados na época. O romance critica a identidade feminina na sociedade patriarcal, que demonstra todos os desafios que são enfrentados por essas mulheres. Em um contexto social tradicional, com a ausência de homens, a amizade entre essas mulheres é fundamental para a rede de apoio.

Sob a perspectiva da amizade feminina na leitura do livro *Cranford* pode ser interpretada como uma crítica que evidencia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na compreensão e construção de sua própria identidade². Na teoria de Simone Beauvoir (2009, p. 9), "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", enfatizando que a identidade feminina sempre está em construção social e em *Cranford* as figuras femininas se adaptam às normas que foram impostas naquela sociedade, mesmo sendo um ambiente que poderia exercer um pouco de autonomia, elas ainda preferiam seguir de acordo com a sociedade patriarcal.

Este trabalho tem como objetivo analisar a identidade feminina na literatura vitoriana, utilizando a obra *Cranford* como foco principal. A intenção é compreender como as mulheres são retratadas e como suas identidades são construídas e expressas dentro do contexto social da época.

Na análise dessa obra literária a partir das personagens Miss Matty Jenkyns e Mary Smith, que são figuras centrais no enredo da história, que desempenham um papel crucial trazendo indícios da tradição e transformação. Propondo compreender como as personagens mostram vivências daquela sociedade, o afeto e a colaboração ajudaram no Este trabalho tem como objetivo analisar a identidade feminina na literatura vitoriana, utilizando a obra *Cranford* como foco principal. A intenção é compreender como as mulheres são retratadas e como suas identidades são construídas e expressas dentro do contexto social da época dessa formação de identidade.

Nesse sentido, identificamos como problema a seguinte questão: Como a identidade feminina é construída a partir da amizade no romance *Cranford*,

² Neste trabalho, o conceito de identidade refere-se à construção subjetiva e social do ser feminino, considerando os papéis, comportamentos e expectativas atribuídos às mulheres dentro do contexto histórico e cultural representado em *Cranford*

considerando o contexto de uma sociedade patriarcal? A pesquisa concentra-se na formação feminina em *Cranford* visando compreender as restrições do século XIX, que reflete sobre a preservação dos modos tradicionais que foram adotados desde o início de suas vidas e se houve alguma maneira de romper a tradição.

O interesse pela pesquisa do romance de Elizabeth Gaskell justifica-se pela necessidade de compreender aspectos da sociedade vitoriana, especialmente no que diz respeito aos valores e transformações sociais que influenciaram a construção das personagens femininas. Ainda que inseridas em um ambiente tradicional, essas mulheres demonstram uma constante busca por autonomia e uma capacidade de adaptação, superando as dificuldades impostas pelo contexto. Esse interesse contribui para aprofundar a compreensão do papel da mulher na Era Vitoriana, com a influência dos laços femininos na construção indentária.

Assim, analisamos como a obra *Cranford* de Elizabeth Gaskell apresenta fatores sociais que impactaram na vida cotidiana das mulheres e na adaptação como a comunidade se ajudou nesse processo de crescimento, trataremos de duas personagens centrais que é Miss Jenkyns, Mary Smith e o capitão Brown. Esta pesquisa é qualitativa, que segundo Gil (2020, p. 134) são estudos que “necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.”, focando em compreender e interpretar a condição das personagens na narrativa. Por conseguinte, para entendermos as questões sociais, o comportamento e a identidade feminina, teremos a contribuição das bases de leituras realizadas, como Candido (2006) que investiga o campo de estudos sociais, contribuindo para a compreensão de diversos aspectos da sociedade.

Como aporte teórico usaremos Woolf (2014) para destacar a importância da independência da mulher, enquanto Beauvoir (2009) discute a condição da mulher na sociedade patriarcal; Lopes (1986) contribui sobre a representação da mulher na era vitoriana; Verona (2023) salienta a escrita da mulher como rede de apoio e a importância da amizade, já Monteiro (1996) aborda a figura feminina em sua construção de forma simbólica. Para as relações das mulheres na era vitoriana temos Rosenberg (1975) discorrendo sobre as amizades entre as mulheres, por fim, temos Burgess (2002) que oferece uma visão abrangente sobre os movimentos literários, proporcionando aos leitores uma compreensão profunda da tradição e da literatura inglesa, o que fundamenta a análise literária em nosso estudo.

2 A MULHER NA ERA VITORIANA

A Era Vitoriana foi um período marcante para o Reino Unido, ocorrido durante o reinado da rainha Vitória, entre 1837 e 1901. Esse foi um tempo de grandes avanços tecnológicos, econômicos e culturais. A sociedade passava por uma intensa transição impulsionada pelo início da Revolução Industrial, enquanto o Império Britânico começava a se expandir significativamente. Entre as transformações desse período, destacam-se as mudanças nos valores sociais e na moralidade, em que a rainha Vitória tornou símbolo de decoro, respeito às tradições familiares e moralidade conservadora, influenciando profundamente os costumes da época. Como Moisés afirma, “segunda metade do século XIX é, com efeito, uma das épocas mais brilhantes da literatura inglesa. A educação generalizou-se, o número de leitores cresceu e a imprensa multiplicou-se.” (Massaud, 1979, p. 226). A literatura também floresceu nesse contexto, no século XIX, com a implantação de leis que tornaram a educação

obrigatória, a alfabetização se expandiu e a leitura tornou-se mais comum entre as camadas populares. Como resultado, houve um aumento na demanda por livros, jornais e revistas, o que contribuiu para o crescimento da produção literária.

A Era vitoriana foi de grande importância para a literatura inglesa, uma das razões pelo qual o gênero romance se tornou dominante naquela época por vários motivos, uma delas foi o aumento da alfabetização citado acima e das publicações em jornais e revistas. Alguns autores que se destacaram naquele período foram Charles Dickens, William Makepeace Thackeray e Elizabeth Gaskell, que refletiram sobre esse período abordando sobre as transformações sociais. Desta maneira, abriram espaço para o realismo em que as obras literárias exploravam sobre a vida cotidiana retratando a política, economia e sociedade.

Por ser um período em que houve grandes transformações econômicas e sociais, havia uma restrição bastante considerável sobre o papel da mulher na sociedade, já que “criaram um ambiente propício para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar” (Monteiro, 1998, p. 1). Desta maneira, elas eram vistas como “anjos do lar”. Com esse pensamento, as mulheres só exerciam funções domésticas e o homem era o provedor da casa. Isso fez com que as mulheres não conseguissem outro espaço além do espaço doméstico, pois o lar era considerado um espaço de pureza e moralidade; essas características eram bem-vistas tanto na literatura, quanto na religião e educação. As damas que ainda conseguiam um espaço para trabalhar eram selecionadas a que profissão poderiam exercer, uma que fosse “bem vista” para mulheres como governanta, professora, enfermeira, entre outros, ou seja, qualquer profissão que não “ofendesse” a sociedade patriarcal naquela época.

Na comunidade *Cranford* observa-se como os acontecimentos cotidianos refletiam as desigualdades sociais, as diferenças eram bastantes evidentes e todos conseguiam enxergar, mas as atitudes por mudanças eram mínimas.

Na era vitoriana a educação feminina foi voltada para as moralidades e a devoção às suas famílias: “essa visão deformada do sexo feminino difundiu uma imagem ideal de mulher na qual a domesticidade e pureza eram essenciais” (Lopes, 1986, p. 3). A exemplo disso foram os casamentos arranjados que estabeleciam segurança financeira para as jovens, uma vez que uma perda de posses das mulheres ao casar todos os bens passava para o marido. Esses casamentos não eram apenas uma união por amor ou ódio, mas era uma espécie de contrato social e econômico em que os homens e mulheres se casavam por status, para dar continuidade aos nomes das grandes famílias na época, era tradição os jovens de família rica serem prometidos um ao outro. Nesse processo, as mulheres desde cedo aprendiam etiquetas, um curso de como ser uma boa esposa e mãe aprendendo a tocar instrumentos, bordar e várias outras atividades domésticas, enquanto os homens recebiam educação de como se preparar para uma vida pública.

Os trabalhos eram bem restritos e as oportunidades se limitavam apenas para funções como professora, operárias e governantas, no qual eram vistas como frágeis e essa fragilidade se caracterizava pelo seu comportamento doce e pelas roupas, transmitindo sempre delicadeza e beleza, que desta forma:

Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam nas mulheres, e pensavam diferentemente. Era impossível, decidi, dar algum sentido àquilo tudo, espiando com inveja o leitor vizinho, que fazia os mais concisos resumos, frequentemente encabeçados por um A, um B ou um C, enquanto meu próprio caderno se tumultuava com os mais insubordinados rabiscos de anotações contraditórias. Era aflitivo, era desnordeador, era humilhante. A

verdade escoara por entre meus dedos. Gota a gota, me havia escapado (Woolf, 2014, p. 39).

As mulheres que seguiam alguma profissão, como a de escritoras e leitoras, despertavam certo incômodo nos homens, que demonstravam inveja daquelas que conseguiam se expressar por meio da arte. Essa postura refletia o olhar diferenciado e muitas vezes negativo direcionado às mulheres que escreviam, já que não era socialmente aceito que elas ocupassem esse espaço. Um exemplo marcante na literatura inglesa são Mary Shelley e as irmãs Brontë, que precisaram adotar pseudônimos masculinos para conseguir publicar suas obras. Para compreender melhor a questão da desigualdade de gênero, Lopes (1986) afirma:

Essa questão da desigualdade sexual é importante para o século XIX, pois na era vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual a mulher se dá conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhece todos os seus sofrimentos como ser humano, admite suas contradições e revolta-se indo em busca de uma solução para seu problema existencial (Lopes, 1986, p.1).

O sofrimento era constante para as mulheres que lutavam por sua autonomia, e sofriam rigidamente por aquela sociedade patriarcal em que sentia sua identidade modificada, sendo o casamento tradicional o meio para conseguir sua autonomia e independência. Em alguns casos específicos, as mulheres se casavam com um marido que lhes proporcionavam educação e um lugar na sociedade além das atividades domésticas.

Uma das características da era vitoriana foram essas normas, que definiam e delimitavam o gênero e classe, nisso esperavam que homens e mulheres cumprissem funções de acordo com seu gênero, ou seja, as mulheres ficavam submissas ao seu marido e “lar” e os homens ficavam com a responsabilidade de trabalhar, como afirma a teórica Rosenberg: “centrando-se na ‘conduta desordeira’ que mulheres — e alguns homens — usaram para romper com os papéis rígidos de classe e sexo da Era Vitoriana” (Rosenberg, 1985, p. 1). Nesta perspectiva, Smith-Rosenberg revela que, durante a Era Vitoriana, havia fortes expectativas e limitações impostas pela moral da época, que pressionavam tanto homens quanto mulheres restringindo sua liberdade. No entanto, ao se referir à “conduta desordeira” não se tratava apenas de uma rebeldia explícita, mas também de formas sutis de desafiar essas restrições. Todas essas atitudes foram tomadas pelo sonho da autonomia e liberdade, para conquistar o direito de conseguir viver de forma simples, mas poder gozar de sua liberdade financeira e social.

Nesta perspectiva de como viver em uma sociedade vitoriana com o mínimo e com um nome a zelar, as mulheres escolheram viver uma vida modesta e consciente das condições financeiras e optaram por uma vida de menos custos, mas não perdiam a elegância em priorizar a praticidade e durabilidade de suas vestimentas, além delas em *Cranford* vamos destacar outras mulheres da época como aborda Perrot: “Na mesma sociedade que marginalizava as prostitutas, floresciam os movimentos sufragistas, revelando os paradoxos da moral vitoriana.” (Perrot, 1988, p. 217), aqui ao mesmo tempo que, reforçavam a moral e rigidez ao mesmo tempo excluíram elas que não se enquadravam nos ideais.

Na época as senhoras que tinha seus ideais a zelar apesar da condição moderada, elas continuavam zelando pelo seu nome e aparência, para não ser visível a sociedade à sua falência, com medo de como isso seria visto diante essa sociedade patriarcal. Candido (2006) destaca que:

O mais curioso é que, se desejarmos evitá-la, podemos ir ao erro oposto e exagerar as diferenças que há entre os indivíduos, os grupos, as idades, as civilizações querendo, por exemplo, fugir ao erro de considerar a criança um modelo reduzido, que deve ser ajustado o mais depressa possível às normas da gente grande, podemos acentuar as suas peculiaridades ao ponto de considerá-la uma espécie de ser diferente, que é preciso tratar como se vivesse à parte, num mundo também diferente, — sem norma nem barreira, guiado por uma lei obscura da própria evolução, que acabaria por domesticá-lo (Candido, 2006, p. 44).

A era Vitoriana ocorreu século XIX, durante esse período a sociedade zelava muito pela moral e a ordem da convenção social, resultando em uma sociedade extremamente conservadora. Nesse contexto, a mulher é moldada pelas ideias moral da época, como a pureza, submissão e dedicação ao lar e família, com pouquíssima autonomia fora do ambiente doméstico. Embora existisse todas essas limitações, também foi o período em que as mulheres começaram reivindicar e lutar por seus direitos para ter mais vez na sociedade. Nesse contexto, as relações de afetos exerciam um papel essencial, oferecendo o apoio emocional e a resistência.

3 AFETOS RECATADOS: A FUNÇÃO DA AMIZADE NA SOCIEDADE VITORIANA

Na Era Vitoriana, a amizade entre mulheres consolidava-se por meio de experiências compartilhadas e afetos genuínos, funcionando como uma forma de resistência silenciosa às restrições sociais impostas pelo modelo patriarcal. O cenário da mulher na era vitoriana, era rigidamente patriarcal e centrado em inúmeras limitações, herdadas de uma tradição conservadora, considerando tratar-se de um espaço de elevado prestígio social aos homens. Desta maneira, as mulheres encontravam outras maneiras de socializarem nos encontros casuais, já que essa era a forma para manter e ter esse apoio e outra forma de mostrarem seu emocional e intelectual. Essas amizades normalmente começavam como uma regra social para quem faz parte da mesma classe social, com trocas de cartas, intelectualidade, empatia e até mesmo a amizade que surgiam muitas vezes apenas por conveniência, funcionando naquele momento como um refúgio mútuo, mas que, na prática, se reduzia a um encontro social quase como um palco de aparências. Ao referir os laços de amizade, Verona (2023) afirma que:

Estes são importantes para manter a unidade e a organização, mas eles coexistem com uma política mais pessoal do dia-a-dia que está presente nas conversas, reuniões, encontros, festas, relações de trabalho, na escrita, produção midiática, jornalística, na família, relações de amizade et (Verona, 2023, p. 396)

Esses laços de amizades se fazem importantes para o desenvolvimento da mulher, pois ao criar uma amizade podemos construir um mundo completamente diferente ao nosso redor, desabafar, rir dentre várias outras atividades. Ao se encontrarem, as personagens esqueciam momentaneamente dos problemas, enquanto conversavam sobre fatos e relatos da vida. No entanto, nem sempre esses encontros eram agradáveis, pois ao falarmos desse século, lembramos que algumas amizades e reuniões eram destinadas a exibir poder e status, nem todos os laços formados eram saudáveis e os mesmos vínculos que pareciam unir também revelavam as contradições de uma sociedade patriarcal.

No período vitoriano, a amizade é vista como um valor essencial para o desenvolvimento e bem-estar da sociedade. Promovendo companheirismo, fortalecimento e apoio emocional, pois desde a infância até a vida adulta a amizade é um ponto de iniciativa para o desenvolvimento individual e social. Entre as mulheres que formaram esses laços no patriarcado, a amizade tinha um significado maior, pois isso significava que elas tinham um espaço de apoio. Essas mulheres representavam uma opção comportamental e emocional muito real socialmente disponível para as mulheres do século XIX. [...] é um excelente exemplo de um tipo de fenômeno histórico sobre o qual a maioria dos historiadores sabe algo, mas poucos refletiram profundamente, e virtualmente ninguém escreveu a respeito” (Rosenberg, 1975, p. 2).

A citação investiga as relações entre as mulheres no século XIX, especialmente as amizades que eram intensas e duradouras, que envolviam cartas, encontros e sentimento verdadeiro; tudo isso era dentro da normalidade para a época. As amizades íntimas entre as mulheres eram comuns no século XIX, mas foram ignoradas por historiadores. Porque isso não dava importância para pesquisas, porque era visto como um laço normal e irrelevante sem considerar o emocional e social daquela época, daquele tempo. Desse modo o espaço da amizade se tornava mais recíproco em que a mulher poderia procurar refúgios, escapando das pressões sociais, nesse contexto temos a seguinte afirmação de Verona (2023) em constituir espaços de relações comunitárias:

Refúgio permite maior espontaneidade às pessoas, o que valoriza a amizade como um mecanismo que as ajuda a se entender melhor e usar suas relações mais próximas para se encaixar no mundo comum família, vizinhos, associações, cultura, religião, sindicatos não aquele que promove a massificação, mas que aceita a individualidade (Verona, 2023, p. 398).

Na era vitoriana, o conformismo era exigido pois as mulheres desde cedo aprenderam que o comportamento era um padrão a ser seguido. Para refletirem delicadeza, simpatia e obediência muitas vezes as mulheres incorporavam esse comportamento fazendo com que isso torna-se parte de sua identidade. Esse conformismo não quer dizer um sinal de fraqueza, mas é uma maneira de sobrevivência numa sociedade patriarcal. Nesse sentido, sobre a amizade feminina Verona (2023) explica:

Homens respeitavam as amigas femininas como componentes da vida familiar das mulheres, filhas, mães e esposas, o que vai de encontro com a noção popular de que homens e mulheres eram sexos essencialmente opostos, com interesses divergentes e que o casamento para o homem era um fim, enquanto para a mulher era o centro de sua existência (Verona, 2023, p. 402).

No ambiente em que as mulheres enfrentavam limitações educacionais, econômicas e sociais a amizade agia como uma grande ferramenta para manter fortes laços de resistência. Através desses laços foi possível criar espaços de apoio, onde existia não apenas a companhia, mas poderiam desabafar sobre suas perdas, amores, frustrações e emoções. Os encontros serviam para amenizar os problemas que as damas enfrentavam diariamente, uma vez que a mulher vitoriana era:

Excluída do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de ‘boa família’ recebessem uma educação ou (i)lustração destinada apenas a fazê-las reluzir nas salas de

visitas e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente (Monteiro, 1992, p. 62).

A mulher vitoriana no espaço público e no ambiente doméstico é moldada por uma sociedade patriarcal que restringia a educação e liberdade, exemplo da sala de visitas para atrair possíveis pretendentes, por ilustrar o ideal feminino e anulando todo o seu protagonismo desempenhando um papel passivo na estrutura familiar.

Durante a era vitoriana os laços efetivos muitas vezes eram a única saída para fugir de uma família patriarcal e cheia de regras, das obrigações que as mulheres já carregavam mesmo não amadurecendo para tantas obrigações. As relações eram baseadas em confiança, cuidado e carinho, no qual recebiam e contribuía com algo que não recebiam pela sociedade, já que em grande parte não eram ouvidas e excluídas. Essas conexões serviam para o crescimento e formação da identidade, em que algumas se inspiravam nas outras.

4 SOBRE A OBRA

Elizabeth Gaskell foi uma escritora britânica no período vitoriano nascida em Londres, criada em Knutsford, Cheshire, após a morte de sua mãe. Casou-se com um ministro chamado William Gaskell e viveu em Manchester, cidade que foi marcada pela revolução industrial o que influenciou na sua escrita. Sendo escritora do século XIX, conhecida por abordar problemas relacionados a questões sociais de classe e vida social, especialmente quando se trata de desigualdade e as transformações da vida cotidiana, trazendo impactos da revolução industrial e as diferenças sociais. Como *North and south* publicado em 1854 que retrata a luta de classes, as diferenças culturais e a industrialização. A narrativa é feita por Mary Smith que é uma das nossas personagens centrais, trazendo o olhar da crítica, delicadeza e como se deu a construção de identidade na sociedade patriarcal do século XIX. O espaço é construído exclusivamente para mulheres que mesmo diante de dificuldade econômica e preconceito, a convivência entre as personagens se torna mais forte.

Cranford é uma obra descrita dentro do contexto vitoriano que veio com grandes influências sobre avanços técnicos e econômicos. Uma obra que consiste em refletir sobre o retrato da vida cotidiana das mulheres no qual houve as maiores mudanças econômicas e ações tecnológicas. A obra também espelha o humor da época para que através disso faça uma crítica sobre as maneiras de se comportar. A obra entra num espaço em que as mulheres tinham que ser fortes e lutarem por seus direitos, mesmo não sendo todas que anseio pela independência mais a maioria preferia a vida que a pequena cidade rural podia lhe proporcionar.

Como a narrativa é centrada em aspectos cotidianos, a autora explora temas de tradição, afeto e resistência, por meio das relações sociais que se estabeleceram entre as personagens femininas. A escolha da obra para a presente análise justifica-se pelo potencial de revelar a amizade e como ela pode atuar na construção na identidade em um contexto marcado por normas rígidas. Desta maneira, duas figuras que se destacam na obra é Miss Jenkyns e Mary Smith, essas duas personagens tem relevância pelo modo com encarnam as diferentes possibilidades de ser mulher dentro do espaço comunitário, revelando a amizade, o afeto e convívio entre as senhoritas.

A amizade é o vínculo encontrado por elas para lidar com todos os desafios e mudanças; as interações de amizade permitem que sua identidade entre em ação constante. Essas interações aconteciam nas tardes do chá em que eram abordados assuntos sobre a comunidade e o que ia acontecendo diariamente na pequena cidade.

No entanto, esses encontros revelavam as diferenças entre as classes sociais, visto que, encontros como esses apenas a alta sociedade frequentava; isso é perceptível através das roupas, pelos rostos, pelos corpos, pelos sorrisos, atitudes, interesses e ocupações. Talvez essas diferenças sejam apenas superficiais ou até mesmo passageiras. No entanto, o que se pode afirmar com certeza é que, por enquanto, essas diferenças eram totalmente visíveis.

ANÁLISE

5. Tradição em transição: os desafios da modernidade vitoriana

A escritora Gaskell expressa *Cranford* como uma sociedade marcada por tradições e costumes da era vitoriana, revelando por meio de suas narrativas, as tensões entre as transformações e o conservadorismo que começavam a emergir em *cranford*. As personagens femininas mantêm por muito tempo valores tradicionais, como o decoro³, a moral rígida e a valorização das convenções sociais evitando qualquer tipo de mudança que possa ameaçar o conservadorismo vigente. Assim, a inovação de novas formas de pensar representa uma ameaça à tradição patriarcal que está profundamente enraizada naquela sociedade: “durante o chá a conversa girou em torno da sua infância e juventude. Talvez o sonho tenha despertado o desejo de reler as antigas cartas da família, e destruí-las para que não caíssem nas mãos de estranhos” (Gaskell, 2016, p.102).

A tensão entre tradição e inovação é um dos aspectos mais marcantes observados ao longo da leitura da obra, em que as mulheres principalmente as mais senhoras, mostram-se resistentes às mudanças, mas acabam em certa medida, sendo influenciadas por novas ideias, sendo uma tentativa de adaptação ao novo contexto social. Nesta perspectiva: “em primeiro lugar, *Cranford* pertence às amazonas; todos os moradores das melhores casas são mulheres” (Gaskell, 2016, p. 2). Dessa forma, o trecho destaca que a comunidade era essencialmente feminina e qualquer mudança poderia, de fato, ameaçar a paz que as personagens encontravam naquele lugar.

O personagem Capitão Brown era visto como uma figura imprópria e sua presença tornava-se inconveniente para as damas da sociedade. Ele fez algo que jamais alguém ousaria fazer: comentou abertamente sobre sua pobreza, chocando a todos e sendo até considerado um herói por sua ousadia, como no seguinte trecho:

Nunca vou me esquecer do assombro causado quando o tal Capitão Brown se mudou para *Cranford* e declarou abertamente que era pobre; não foi uma confidência para um amigo íntimo, com portas e janelas previamente fechadas, mas na rua! Num tom de voz alto e militar! Alegando que a sua pobreza era o motivo para não alugar uma determinada casa. As damas de *Cranford* já vinham reclamando por um homem, um cavalheiro, ter invadido o território delas. Ele era um capitão reformado, recebia meio soldo e conseguira uma colocação em uma ferrovia vizinha, que tinha sido veementemente rechaçada pela cidadezinha; e, além do seu gênero masculino e a sua ligação com a detestável ferrovia, ele era tão imprudente a ponto de falar que era pobre; razão pelo qual, certamente, deveria ser enviado para Coventry (Gaskell, 2016, p. 13).

³ Decoro estava ligado as moralidades e normas sociais, que regulava os comportamentos das mulheres, os quais deveriam estar de acordo com as expectativas sociais, exigindo delas dedicação, recato e submissão.

Esse momento, mostra o quanto as mulheres de *Cranford* ficaram impressionadas com a coragem do capitão Brown em falar abertamente sobre sua pobreza. Mostrando-se uma presença indesejável para as mulheres daquele lugar; da mesma forma a ferrovia que ficou explícito que também não era algo desejável. Podemos compreender que há três pontos que não eram aceitos em *Cranford*: a pobreza, a figura masculina e a ferrovia que era algo inovador para a época, pois desafiaram o equilíbrio estabelecido inconscientemente pelas mulheres.

A modernização cria um conflito com o tradicional, pois as ideias inovadoras e econômicas fazem com que haja uma reação de desconfiança. Um exemplo disso é a chegada do capitão Brown e suas duas filhas, causando um susto às senhoras, principalmente à Mrs. Jenkyns que não lhe agradava de sua presença, pois ele poderia abalar a forma de convivência naquela comunidade, por seus gostos literários serem diferentes dos demais, isso é evidenciado quando a narradora relata: “nunca vou me esquecer do assombro causado quando o tal Capitão Brown se mudou para *Cranford* e declarou abertamente que era pobre” (Gaskell, 2016, p. 13).

Com isso, podemos observar o quanto as palavras eram planejadas antes de serem faladas, e o capitão Brown não media isso e era visto como corajoso ao afirmar isso dentro de uma sociedade patriarcal, sendo admirado e ao mesmo tempo julgado por se comportar desta maneira, porque a cultura e costumes daquela pequena comunidade sempre foram medidos. Sendo assim, a cultura e os costumes são essenciais para a formação da identidade de cada indivíduo, o que é comum para alguns é constrangimento ou estranheza para outros.

Segundo Gaskell (2016) o comportamento das cidadãs de *Cranford*:

Nenhuma de nós falava sobre dinheiro, pois este tema cheirava a comércio e a negócios, e apesar de algumas serem pobres, éramos todas aristocráticas. As cranfordianas possuíam aquele tipo de espírito de solidariedade que as faziam fechar os olhos para todas as faltas de recursos quando uma delas tentava esconder sua pobreza (Gaskell, 2016, p.11).

Isso demonstra o quão importante era preservar a modéstia naquela sociedade. Embora a pobreza e os problemas financeiros fossem uma realidade naquela pequena comunidade o mais importante era manter a posição social. As mulheres do século XIX foram educadas com refinamento e adaptar-se a uma realidade diferente da qual estavam acostumadas era desafiador, o que gerava resistência diante das dificuldades que enfrentavam nas quais aquelas situações eram ignoradas e esquecidas.

A obra enfatiza a feminilidade dentro de uma comunidade que apoia os valores patriarcais, mas apesar de todas as regras, algumas demonstram força e solidariedade. Entretanto, o livro explora todas as limitações dessas mulheres, tanto as viúvas quanto as solteiras que necessitavam de status social para se manterem financeiramente, garantindo assim sua estabilidade, exemplo de Mrs. Matty e Mary Smith, que além de tentarem se sustentar em uma sociedade patriarcal, ainda mantinham toda uma tradição e limitação: “a independência dos costumes, inclina-a à independência do espírito” (Gaskell, 2016, p. 14). A independência observada nas irmãs torna-se cada vez mais evidente; no entanto, é possível identificar que parte dessa independência passa a ser vista como um aspecto negativo, uma vez que elas restringem o prazer de viver de forma mais livre, limitando-se à manutenção da rotina cotidiana em detrimento da inovação em *Cranford*.

A solidariedade e empatia entre as personagens, no qual algumas mulheres da comunidade se juntam para estarem presentes com uma amiga em dificuldade, esse gesto não é por obrigação, é espontâneo e feito com muito carinho. Mary Smith reforça que a ocasião é sensível ao mostrar sua comoção, demonstrando um profundo respeito aos envolvidos. Esse trecho mostra o respeito entre as amigas, e que a senhora Smith é muito reconhecida pelo seu ato de bondade, isso em uma sociedade com regras rígidas é transformador.

5.1 Mrs. Jenkyns x Mary Smith: contrastes de personalidade e visões na era vitoriana

As personagens citadas desempenham um papel fundamental na sociedade na economia, tensões culturais, empatia e colaboração, vista como uma mediadora que ajuda no desenvolvimento daquela pequena cidade e no crescimento e abertura da mente das personagens que carregam consigo costumes: “eu não posso dizer que *Cranford* é um lugar sem defeitos, mas para mim, com todos os seus pequenos erros e excentricidades, ela possui um charme singular que toca o coração de quem a conhece” (Gaskell, 2016, p. 45), essa passagem mostra o carinho afetivo que Mary tinha por *Cranford*, valorizando e admirando o lugar que estava em seu coração. A sua narrativa se torna afetiva oferecendo ao leitor como se dava a formação de identidade naquele período de forma crítica e flexível.

A relação entre as duas personagens tem um contraste, que representa a solidez da tradição e a fluidez do olhar contemporâneo. Quando se reúnem, parece que o desfecho será negativo, uma vez que apresentam visões divergentes, mas o conflito não foi direto e isso foi uma abertura para que houvesse uma conexão de afeto e companheirismo, apesar das diferenças a presença de Mary representa uma possibilidade de mudança e evolução no período vitoriano: “Miss Jenkyns usava plastão e uma touca que parecia com um chapéu de jóquei, e no geral tinha a aparência de uma mulher independente; apesar de desprezar o conceito moderno de que as mulheres eram iguais aos homens. Iguais, até parece! Ela sabia que elas eram superiores (Gaskell, 2016, p. 37).”

Nesta passagem, Miss Jenkyns apesar de adotar um pensamento aristocrata, e apesar de não assumir que adota os novos costumes, características e personalidades atuais para o século XIX, ela prefere manter uma personalidade que todos já conhecem e respeitam do que mudar para algo incerto que não lhe traz segurança, o qual opta por esta onde sempre esteve, mesmo sabendo que todos são iguais: “quando terminou, ela a colocou na cabeça e voltou-se para nós em busca de aprovação, pois admiração ela desprezava” (Gaskell, 2016, p. 38). Miss Jenkyns é uma personagem que sempre buscava respeito, admiração e autoridade, guiada pelos valores conservadores ela esperava aprovação da comunidade do que admiração pessoal. Diferentemente de Mary Smith que zelava e cuidava sem se preocupar com as opiniões:

“Miss Smith”, prosseguiu ela, se dirigindo a mim (mais conhecida como Mary por todas as presentes, mas a ocasião pedia solenidade) “falei em particular, quer dizer, passei a tarde de ontem inteira fazendo isso, com cada uma das senhoras aqui presentes sobre o infortúnio que acometeu a nossa querida amiga, e todas nós concordamos que, enquanto pudermos, não será apenas um dever, mas um prazer; um verdadeiro prazer, Mary!” nisso sua voz embargou, e ela teve de enxugar os

óculos antes de prosseguir, “contribuir com o que estiver ao nosso alcance para saudá-la (Gaskell, 2016, p.120).

Já Mary Smith é a narradora e representa a perspectiva moderna, na condição de uma visitadora de *Cranford*, ela observa as situações ao seu redor e tenta ajudar com toda empatia e colaboração, vista como uma mediadora que ajuda no desenvolvimento daquela pequena cidade e no crescimento e abertura da mente das personagens que carregam consigo costumes: “eu não posso dizer que *Cranford* é um lugar sem defeitos, mas para mim, com todos os seus pequenos erros e excentricidades, ela possui um charme singular que toca o coração de quem a conhece” (Gaskell, 2016, p. 45), essa passagem mostra o carinho afetivo que Mary tinha por *Cranford*, valorizando e admirando o lugar que estava em seu coração. A sua narrativa se torna afetiva oferecendo ao leitor como se dava a formação de identidade naquele período de forma crítica e flexível.

A relação entre as duas personagens tem um contraste, que representa a solidez da tradição e a fluidez do olhar contemporâneo. Quando se reúnem, parece que o desfecho será negativo, uma vez que apresentam visões divergentes, mas o conflito não foi direto e isso foi uma abertura para que houvesse uma conexão de afeto e companheirismo, apesar das diferenças a presença de Mary representa uma possibilidade de mudança e evolução no período vitoriano:

Miss Jenkyns usava plastrão e uma touca que parecia com um chapéu de jóquei, e no geral tinha a aparência de uma mulher independente; apesar de desprezar o conceito moderno de que as mulheres eram iguais aos homens. Iguais, até parece! Ela sabia que elas eram superiores (Gaskell, 2016, p. 37).

Nesta passagem, Miss Jenkyns apesar de adotar um pensamento aristocrata, e apesar de não assumir que adota os novos costumes, características e personalidades atuais para o século XIX, ela prefere manter uma personalidade que todos já conhecem e respeitam do que mudar para algo incerto que não lhe traz segurança, o qual opta por esta onde sempre esteve, mesmo sabendo que todos são iguais: “quando terminou, ela a colocou na cabeça e voltou-se para nós em busca de aprovação, pois admiração ela desprezava” (Gaskell, 2016, p. 38). Miss Jenkyns é uma personagem que sempre buscava respeito, admiração e autoridade, guiada pelos valores conservadores ela esperava aprovação da comunidade do que admiração pessoal. Diferentemente de Mary Smith que zelava e cuidava sem se preocupar com as opiniões:

“Miss Smith”, prosseguiu ela, se dirigindo a mim (mais conhecida como Mary por todas as presentes, mas a ocasião pedia solenidade) “falei em particular, quer dizer, passei a tarde de ontem inteira fazendo isso, com cada uma das senhoras aqui presentes sobre o infortúnio que acometeu a nossa querida amiga, e todas nós concordamos que, enquanto pudermos, não será apenas um dever, mas um prazer; um verdadeiro prazer, Mary!” nisso sua voz embargou, e ela teve de enxugar os óculos antes de prosseguir, “contribuir com o que estiver ao nosso alcance para saudá-la (Gaskell, 2016, p.120).

5.2 Construindo a si mesma: identidade e independência na experiência vitoriana

A identidade feminina foi uma constante luta diária para conquistar cada passo na sociedade, sabemos das buscas por direitos que foram constantes para que as mulheres ganhassem voz e poder no meio social. Com isso, sabemos todas as

dificuldades para que isso fosse alcançado, pois foi uma luta constante ao longo dos séculos para conseguir esse espaço: “nessa mesma linha de pensamento, até o século XIX não se tinha registros de mulheres na universidade, enquanto, intelectualmente, os homens estavam em constante desenvolvimento” (Sobreira, 2022, p. 102).

Essa busca por identidade se caracterizava por fatores “simples” como o exercício de escolha de uma profissão para uma mulher, pois cada profissão era determinada para cada pessoa podendo ser mais ou menos “apropriada”. Entre as mais comuns eram as donas do lar; a figura feminina ficou submissa a sociedade patriarcal na obra. Em *Cranford*, como existiam muitas solteironas, a busca por identidade no século XIX se dava, para algumas personagens, por meio da independência financeira. Enfatizando as irmãs Jenkyns, essa identidade era mantida através da preservação dos modos e etiquetas impostos pela sociedade vitoriana, como vemos no seguinte trecho: “a senhorita Jenkyns era o modelo da dignidade e da retidão. Tudo nela – desde a maneira de se sentar até a forma de dobrar as mãos – seguia as regras mais estritas da boa educação” (Gaskell, 2016, p. 17).

Na obra *Cranford* como a maioria das mulheres eram solteiras e consideradas de meia idade para a época, tinham que conquistar sua independência financeira com a confecção e vendas de artesanato, pois os cargos melhores eram nas cidades vizinhas e provavelmente eram cargos para homens. As mulheres mostraram-se fortes diante das mudanças sociais e econômicas, tentaram se adaptar às novas formas de como sobreviver no comércio, já que as mudanças se aproximavam e as pessoas preferiam comprar algo pronto ao invés de esperar dias para uma peça ser confeccionada.

Diferentemente das mulheres que se sentiam confortáveis com a sociedade patriarcal e desfrutavam das suas riquezas e que gostavam das suas vidas na sociedade patriarcal, as cranfordianas preferiram não exibir nenhum tipo de riqueza e exibiam suas roupas simples até porque para elas não fazia sentido se vestir exuberantemente sem nenhuma ocasião especial para passear: “se usávamos vestidos estampados, em vez de sedas leves de verão, era porque preferíamos tecidos que pudessem ser lavados; e assim por diante, ao ponto de fecharmos os olhos para o simples fato de que éramos, todas nós, pessoas de recursos muito moderados” (Gaskell, 2016, p. 8).

Sendo assim, Gaskell não aborda apenas a vida de uma comunidade, mas aborda principalmente as figuras femininas retratadas em personagens como Mary Smith e Mrs. Jenkyns que ocupam papéis centrais nesta narrativa buscando independência e criando seu espaço próprio, que além de se apoiarem durante as situações que vão aparecendo, também estão ali buscando sua individualidade diante de todos os fatos.

Dialogando sobre a independência delas nesse período vitoriano, as mulheres comeram a se destacar no mercado de trabalho, sua independência pessoal e profissional ainda estava longe de ser alcançada, em uma sociedade expressa como machista e patriarcal, a qual permanecia a ideia do direcionamento da formação da mulher, sendo voltada para a família e para a economia doméstica, não havendo possibilidade de uma formação para a carreira acadêmica ou científica.

É importante enfatizar que a comunidade estava passando por transformações, a cidade que era isolada começava a ver a chegada de novas tecnologias das cidades vizinhas: “em *Drumble*, a grande cidade comercial vizinha, que fica à apenas 20 milhas de distância de trem” (Gaskell, 2016, p. 17); com isso percebeu-se que com a evolução as pessoas estavam procurando coisas mais modernas impactando no

comércio, ultrapassando e prejudicando as mulheres que tinham comércios na cidade, pois não sabia lidar com as novidades que estavam se aprimorando.

As irmãs Jenkyns seguiam as regras de forma restrita, ressaltando que Deborah Jenkyns era uma “autoridade” ali servindo de exemplo para as demais, com sua postura conservadora ela impõe todas as regras. Enquanto sua irmã Mrs. Jenkyns ficou dividida entre as mudanças e os valores. Mas ela continua ali em sua jornada, abrindo um pequeno negócio para vender chá, pois as irmãs estavam passando por dificuldades financeiras e para não admitir a falência ela segue com seu pequeno negócio que por sinal o lucro era pouco: “tive de gastar todas as minhas poucas economias na aquisição dos mais variados tipos de confeitos e balas para atrair os pequeninos que Miss Matty tanto gostava de ter por perto. Os chás foram acondicionados em latas verdes e os doces em potes de vidro” (Gaskell, 2016, p. 160). Essa atitude não demonstra apenas a dificuldade financeira, mas a adaptação e resistência das mulheres no mundo comercial, que apesar da situação que se encontravam podemos mostrar que essas mulheres criaram suas próprias regras, sem dependência de homem e casamento.

Nessa época as mulheres começavam a mostrar de maneira tímida que poderiam quebrar os papéis tradicionais que eram impostos pela sociedade, como observa Sobreira (2022): “os romances do início do período vitoriano ainda estavam na sua infância em relação a discussão da presença feminina como questionamento das regras e padrões esperados (Sobreira, 2022, p. 128).

A ausência da figura masculina colaborou para que essa independência fosse mais tranquila, o que dificulta o desenvolvimento da autonomia é o passado e a história que carregam, porque na sua geração aprenderam que a mulher deveria se posicionar de forma adequada diante a sociedade, dificultando seu modo de viver e na formação mediante esses problemas.

As personagens conseguiram mais liberdade e independência, mas ainda estavam presas a um passado que não conseguiam evoluir, pois estavam presas à toda moralidade adquirida ao longo de suas vidas. A maioria dos seus habitantes eram mulheres, idosas e viúvas com poucas figuras masculinas para manter essa indiferença de gênero, como aponta a própria autora: “[a] cidade é exclusivamente das mulheres, se existem regras e valores é porque elas se mantêm neste período, e por serem senhoras, esses costumes estão enraizados. A mulher na Era Vitoriana” (Gaskell, 2016, p. 7). Por ser uma cidade composta quase exclusivamente por mulheres é delas que partem as regras sociais que regem a cidade, são elas que definem os valores, os comportamentos e os modos de convivência, incorporando essas normas de maneira profunda em seu modo de viver e pensar. Evidenciando que os costumes da sociedade vitoriana estavam enraizados nas mulheres da época, moldando suas identidades, moralidade e relações sociais.

A moralidade descrita é característica da respeitabilidade que as figuras femininas tinham na era vitoriana. Com isso, ambas personagens seguiam condutas rigorosas e tudo o que acontecia não era omitido, tudo para manter um padrão que escondia suas dificuldades, o que acontecia ao redor, a condição financeira, entre outros fatores.

5.3 Laços de resistência: amizade e lutas na era vitoriana

A amizade em *Cranford* foi o que sustentou essa construção de identidade, pois como a ausência de homens era bem reduzida, essa amizade entre as mulheres se torna uma resistência, havendo uma ajuda significativa entre as personagens nas

dificuldades financeiras, seja com conselhos, conversas e ajudas, fortalecendo muito nas situações do dia a dia: “Miss Jessie me contou depois, e estava estampado em seu rosto também, que a história se repetia, quando a morte da sua mãe a transformou na ansiosa jovem responsável pela família, da qual apenas Miss Jessie havia sobrevivido” (Gaskell, 2016), a citação revela que uma das personagens é marcada por um ciclo de perdas e ganhos de responsabilidades maiores, após a perda de sua mãe entende-se que a jovem está passando novamente por uma dinâmica familiar já conhecida assumindo ainda jovem uma responsabilidade de cuidar da sua família, a fisionomia do seu rosto indica a intensidade emocional de sua experiência. A trajetória de Miss Jessie ilustra o sofrimento, a responsabilidade, a solidão e a amizade que surgem de forma sutil como um refúgio diante das exigências impostas as mulheres.

Quando Mrs. Jenkyns resolve abrir a loja de chá, isso dá uma reviravolta na sua vida, pois a mesma veio de uma família tradicional em que mulheres não trabalham e que sempre viveram sob a proteção de sua família, mas com o passar das décadas ela se depara com a falta de dinheiro para sobreviver com o necessário, sendo obrigada a arrumar um meio financeiro para conseguir sobreviver, escolhendo a abrir uma loja de chá: “Miss Matty e eu ficamos muito orgulhosas quando olhamos ao redor, na véspera da inauguração da loja” (Gaskell, 2016, p.161). Na era vitoriana o chá é um elemento muito significativo já que era uma bebida comum no chá da tarde para oferecer às visitas, sendo uma mercadoria respeitável e não era comprometedor a sua posição social, foi uma forma que ela encontrou para se sustentar obtendo autonomia e formando sua identidade. Essa perspectiva alinha a sensibilidade de Elizabeth Gaskell com as personagens: “Quando escreve sobre as mulheres, concentra-se na realidade cotidiana de suas vidas” (Lopes, 1986, p. 9). A escritora Gaskell oferece essa visão crítica mostrando como as mulheres de *Cranford* sempre encontram meios de visualizar a independência dentro dos limites da moralidade vitoriana.

Desta forma, as mulheres se apoiam e se ajudam, mas essa ajuda surge apenas por partes da sociedade, quem era da classe média recebia ajuda e apoio da mesma classe. É válido ressaltar que, algumas amizades da classe média são apenas por convenção social, isso não quer dizer que a amizade é perfeita e verdadeira, e apenas seguem as normas de educação. A classe mais pobre da comunidade era impossibilitada de se encaixar naquela classe média, pois a classe baixa era invisível e tudo que acontecia por ali não era visto.

A exclusão da classe mais pobre é uma hierarquia social e silenciosa presente na comunidade de *Cranford*, a solidariedade feminina é evidente entre as mulheres de classe média, porém não se estende de forma igualitária a todas as mulheres desta comunidade. As amizades entre as mulheres, na maioria das vezes, eram sustentadas por normas de etiqueta e pela preocupação com as aparências, nem sempre baseadas em vínculos profundos, de confiança ou genuíno afeto. Observa-se uma certa superficialidade nas relações, evidenciando como o comportamento feminino era moldado por expectativas sociais rígidas, o que limitava a expressão individual e dificultava o estabelecimento de vínculos autênticos.

Ao comparar a realidade da era vitoriana com os direitos que se estabelecem nos dias atuais, fica evidente que foi um processo longo e marcado por muita luta. A mulher vem tentando, ao longo dos séculos, quebrar o que a sociedade lhe impôs: a submissão, o silêncio e o confinamento ao espaço doméstico. Dessa forma, percebemos que cada conquista é um progresso; a mulher quer ter direito de decidir ser mãe, mulher, ser trabalhadora e independente, a escolha de viver da forma que preferir. Nessa luta por autonomia podemos compreender essa afirmação: “essa

questão da desigualdade sexual é importante para o Século XIX, pois na era vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual a mulher se dá conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhece todos os seus sofrimentos” (Lopes, 1986, p. 1). A desigualdade de gênero no século XIX na era vitoriana mostra o processo de individualização em que a mulher começa a ter consciência de sua posição social, reconhecendo os sofrimentos dessa desigualdade, começando a questionar e reivindicar igualdade e direitos iguais.

Na obra *Cranford*, as mulheres têm a chance de escolher como viver, mas carregam anseio de seguir em frente, mas a insegurança toma conta e deixa as oportunidades partirem, mas continuam lutando para ter uma vida melhor: “um pouco de credulidade ajuda a levar a vida de maneira mais suave — melhor do que estar sempre duvidando e vendo dificuldades e coisas desagradáveis em tudo” (Gaskell, 2016, p. 165), as mulheres em *Cranford* acreditam que estabilidade e as convenções é a forma certa de conviver a vida, apesar de quererem seguir em frente e conquistar a sua independência acabam preferindo a segurança e hesitam às mudanças.

O papel da figura feminina empregado pela autora estabelece conexões com lutas de direitos pelas mulheres no século XIX, mas essas características são apontadas de forma sucinta e sabemos o porquê daquele comportamento, mas o foco da autora foi mostrar como era a vivência de uma comunidade da zona rural e seus costumes. A autora Gaskell conecta suas obras com sua vida e cada uma de sua obra tem um pouco da sua história e as lutas e conquistas para uma mulher escritora naquela época. Como já afirmava Virginia Woolf: “Durante todos esses séculos, as mulheres serviram de espelho aos homens, com o mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem duas vezes maior do que o natural” (Woolf, 2014, p. 47). Assim, mesmo quando algumas oportunidades surgiam para as mulheres, isso não garantia que elas pudessem aproveitá-las plenamente, pois carregavam consigo um legado histórico de submissão e moldagem social ao longo dos séculos.

Uma das estratégias adotadas pelas mulheres para manter as práticas de convívio social e, ao mesmo tempo, uma forma de enfrentar a dominação patriarcal foram as tardes de chá. Essa característica marcante do século XIX servia como um importante ponto de encontro, onde as mulheres se reuniam para compartilhar experiências. De acordo com a afirmação de Gaskell (2016):

Após o chá, ocorreu certa hesitação e embaraço. Estávamos em seis, dava para quatro jogarem Preferencia e as outras duas Cribbage. Mas todas, exceto eu (que temia enfrentar as damas de *Cranford* na mesa de baralho, pois este era o negócio que elas encaravam com mais determinação e seriedade do que tudo) estavam ansiosas para entrar no “jogo” (Gaskell, 2016, p. 81).

Assim, é possível identificar como se davam os diálogos durante os momentos do chá, nos quais as mulheres mencionam um jogo que revela o quanto eram competitivas e habilidosas. Esses jogos, além de proporcionarem diversão, representavam uma importante forma de socialização. As senhoras levavam essas atividades tradicionais muito a sério, utilizando-as como uma maneira de conquistar prestígio e status.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos compreender na obra *Cranford* de Gaskell, analisamos a identidade feminina e como os laços de amizade entre as mulheres ajudou na sua formação de identidade na sociedade patriarcal. A partir das leituras

realizadas com os embasamentos teóricos, foi possível assimilar como Gaskell constrói sua narrativa de maneira sutil, fazendo uma crítica às normas sociais da Era vitoriana, mas ao mesmo tempo destaca como a amizade é importante para a valorização dos vínculos afetivos criados ao longo da vida.

Cranford foi ambientado como uma pequena cidade habitada por mulheres, com ausência de homem. Esta novela do cotidiano tornou-se um laço afetivo entre as mulheres, fazendo com que uma ajudasse a outra. Mesmo que os conselhos fossem bons ou ruins, elas permaneciam unidas, ainda que, por vezes, tais conselhos não contribuíssem para o crescimento individual. Afinal, toda amizade envolve aspectos positivos e negativos e em *Cranford* não era diferente.

A autora apresenta personagens que assumem o protagonismo ao longo da narrativa, mulheres essas que apresentam estratégias de sobrevivência, se adaptando a essa nova economia, ao crescimento, a cultura e ao social. Neste contexto, a amizade não é apenas um laço afetivo, mas foi uma ferramenta para o seu crescimento e empoderamento. Ao longo da obra a autora lhe convida para repensar sobre os papéis sociais impostos sobre as mulheres no século XIX. Mostrando uma livre resistência que mesmo que tudo fosse limitado há um espaço para sua autonomia, a mulher ainda conseguia criar seu espaço de Independência. A partir da escrita de Gaskell podemos observar essa ruptura das mulheres lutarem por seus direitos.

Desta forma, conclui-se que a obra não contribui apenas de forma literária, mas como uma crítica transformadora. Ao centrar a narrativa destacamos a importância da amizade como fortalecimento identitário, contribuindo para a literatura que valoriza os valores femininos. Sendo assim, o estudo buscou evidenciar a formação feminina com a ajuda da amizade e como elas conseguiram superar as inovações que chegaram em sua cidade pois para elas a inovação era algo que estava muito distante. E nesse estudo, conseguimos resultar como elas conseguiram sobreviver diante de todas as mudanças e como a amizade foi uma estratégia pra esse desenvolvimento, mesmo com idade diferentes, elas conseguiram criar laços, e ajudaram-se entre si. Esse trabalho tem grande relevância para a literatura inglesa, por abordar assuntos que são discutidos até os dias atuais, podendo ajudar trabalhos futuros que abordam a amizade, por ser um tema pouco explorado na comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2 v.

BURGESS, Anthony. **A literatura Inglesa**. Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

GASKELL, Elizabeth. **Cranford**. Tradução de Sílvia M. Rezende. São Paulo: Editora Pedra Azul, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KNEZEVIC, Borislav. **An Ethnography of the Provincial: The Social Geography of Gentility in Elizabeth Gaskell's Cranford**, [S.l.], JSTOR, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/xxxxxxx>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LOPES, Christiane Maria. **A mulher na era vitoriana: um estudo da identidade feminina na criação de Thomas Hardy**. 1986. Dissertação (Mestrado em Letras – Literaturas de Língua Inglesa) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986.

LUNDQUIST, Ingrid. **Hierarchy, Gentility and Humanity in Elizabeth Gaskell's Cranford**. 2013.

MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

SMITH-ROSENBERG, Carroll. **The Female World of Love and Ritual: Relations between Women in Nineteenth-Century America**. Signs, v. 1, n. 1, p. 1-29, 1975.

VERONA, Stéfani Oliveira. **Cultura escrita e relações de amizade: possíveis mecanismos políticos para as mulheres na Inglaterra Vitoriana**. História e Cultura, Franca, v. 12, n. Dez. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura inglesa**. 5. Ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.